

# RODÔ

**poesia passageira, poemas sem destino**

nicolas behr & paulino aversa

Brasília  
2024

## APRESENTAÇÃO

A obra de Nicolas Behr é um atalho para conhecer Brasília. O assombro e o encanto que as formas simples e majestosas dos palácios provocam em quem conhece a cidade transbordam de sua poesia. Trazem o leitor para um tempo mais alongado, que vai desde os primeiros anos da fundação, quando os sonhos de Lucio Costa e de Oscar Niemeyer encontravam pela primeira vez a dureza do concreto na aridez do cerrado entre poucos milhares de habitantes, até o presente de uma das maiores metrópoles brasileiras. Em *Rodô — poesia passageira, poemas sem destino*, Behr coloca em foco o mais populoso e popular dos monumentos brasilienses: a Rodoviária do Plano Piloto, cujas paisagens estão retratadas nas tocantes ilustrações de Paulino Aversa.

Behr passou a viver na cidade em 1974, catorze anos após sua fundação. Na

época, pouco mais de meio milhão de pessoas viviam aqui. A aridez da cidade se acentuava com a repressão da ditadura civil-militar, apossada do poder. Em 1977, mesmo ano em que a Universidade de Brasília seria ocupada por tropas militares para reprimir o movimento estudantil, Behr passou a se dedicar à obra literária. No ano seguinte, foi preso e processado: seus livros foram considerados “pornográficos” pela repressão. Continuou com trabalhos mimeografados nos anos 70 e 80, e, em 1993 publicou *Porque construí Braxília*. Nessa obra, fica explicitado o cenário poético do autor: *imagine Brasília / não capital / não poder / não Brasília / assim é Braxília*. É dessa forma que se tece o lirismo de Behr: se a suntuosidade das formas arquitetônicas desenhadas para abrigar o poder projetam esterilidade nos seus entornos, adicionam-se a eles a poesia.

O transcorrer da transformação da cidade marca também a obra do artista plástico Paulino Aversa. Nascido em Brasília no ano

de fundação da cidade, o caráter majestoso da arquitetura urbana fica em segundo plano nas ilustrações, como pano de fundo. O foco são nas pessoas que passam pelos vãos livres da Rodoviária: um passageiro solitário que se senta sobre a mureta de contenção da plataforma superior, visto de baixo; a multidão, entre lojas e ambulantes, que se desvela na plataforma inferior para quem desce as escadas rolantes. Em suas gravuras, a vida humana que insiste em florescer tem centralidade.

Vida humana que insiste, também, em resistir. *onde é que há gente / em Brasília? / na rodô*. É dito do desenho urbano de Brasília que a falta de avenidas e cruzamentos desfavorece o encontro entre as pessoas. Uma perspectiva que, talvez, confunda pessoas com carros. As pessoas estão juntas: vivem e vem juntas de outras regiões administrativas para trabalhar no Plano, onde se cruzam, mais de 700 mil pessoas por dia, na Rodoviária. Foi onde comecei minha trajetória profissional, com

crianças e adolescentes em situação de rua. A Rodoviária é onde o encontro explode: a paisagem monumental da Esplanada com o Congresso ao centro, projetada a partir da plataforma superior em contraste com pessoas em situação de rua, muitas delas crianças e adolescentes. Em uma de suas ilustrações, Aversa retrata um desses abandonos: um corpo infantil no gramado, cena tão comovente quanto recorrente. Um entre os corpos que, forçados à expulsão, resiste e permanece.

O enfoque que Behr e Aversa lançam sobre a Rodoviária vem em bom tempo. Projetos de cidade sem espaço para o que é comum às vezes são apresentados como inevitáveis. Os vazios do Plano Piloto, tombado, podem ser abruptos. E há quem trabalhe para que permaneçam assim. Quando conheceu a cidade, em 1967, Clarice Lispector observou: *Por enquanto não pode nascer samba em Brasília*. E conclamou: *É urgente. Se não for povoada, ou melhor, superpovoada, uma outra coisa*

*vai habitá-la. E, se acontecer, será tarde demais. Não haverá lugar para as pessoas: elas se sentirão tacitamente expulsas. A essa chamada, as mais de 2.5 milhões de pessoas que hoje vivem no Distrito Federal atenderam. Há muito samba – e todo tipo de vida cultural – em Brasília. Obra de poetas, escritoras, musicistas, artistas visuais e outros tantos milhares de produtores e fazedores de cultura, que, como Behr e Aversa, constroem a alma cultural da cidade. Rodô — poesia passageira, poemas sem destino dá a quem não conhece a cidade um vislumbre dessa alma, e a nós, que vivemos e nos encontramos por aqui, substrato para enriquecê-la.*

Fábio Felix  
Deputado Distrital

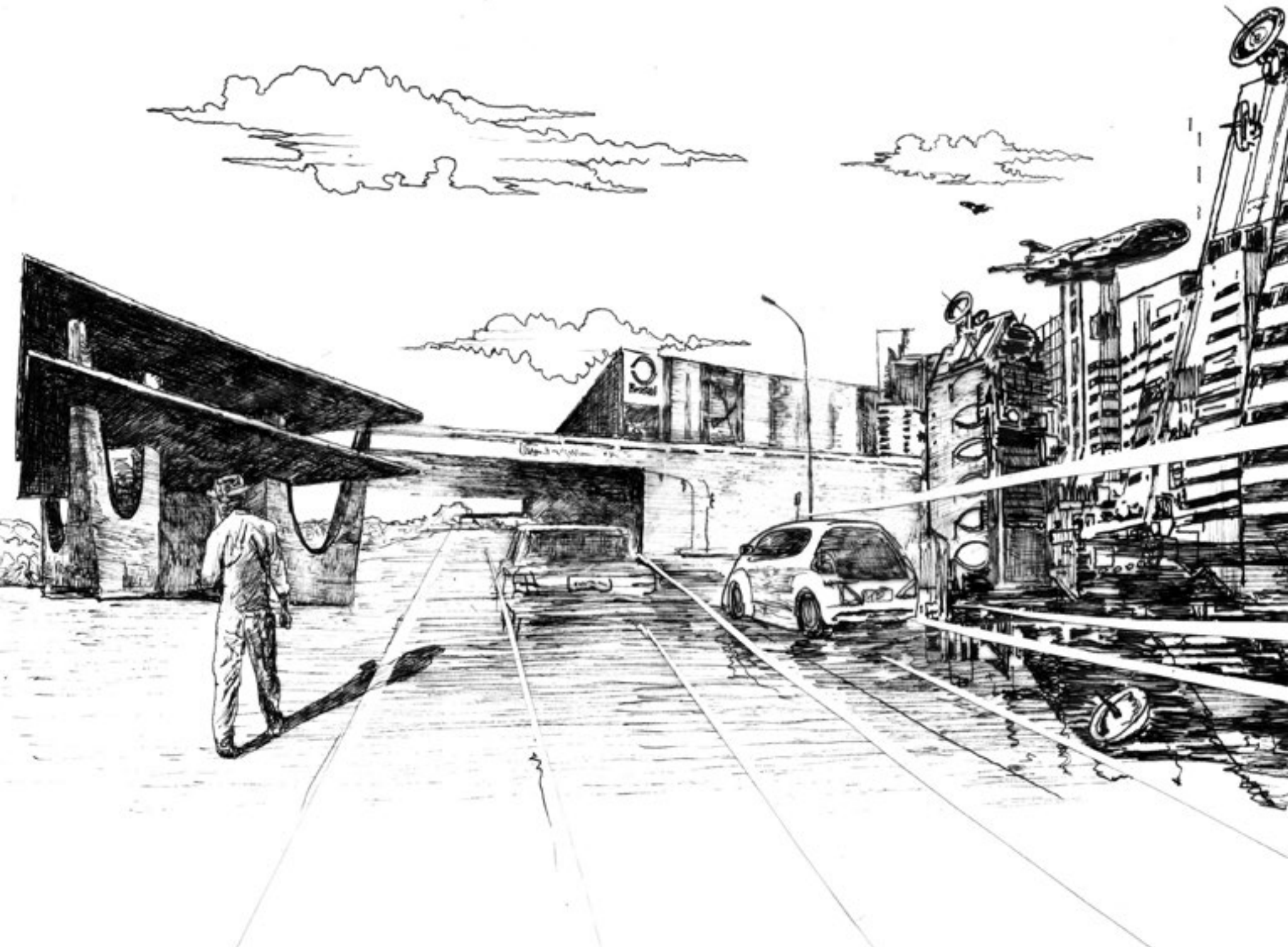
à brava gente brasileira

subo aos céus  
pelas escadas rolantes  
da rodoviária de Brasília

o corpo de Cristo  
aqui não é pão,  
é pastel de carne

o sangue de Cristo  
aqui não é vinho,  
é caldo de cana

o padroeiro desta cidade  
é dom Bosco ou padim ciço?



## RODOVIÁRIA DE BRASÍLIA

Já fez mais parte do meu mundo, quando eu não tinha carro. E confesso: naquele tempo meu mundo era muito rico, minha vida era mais completa quando eu andava de ônibus. Eu simplesmente vivia Brasília com mais intensidade. Saudades da Rodô. Nosso marco zero, onde começa e termina a cidade, a Rodoviária vale por todas as esquinas que Brasília não tem. É a nossa “rua 24 horas”. Uma verdadeira cidade rotativa com uma população flutuante de cerca de setecentos mil habitantes/dia. É o lugar onde o Plano Piloto mais se parece com uma cidade qualquer, com seu ar de feira, sua informalidade tão brasileira, em claro contraste com o nosso traçado tão racional, cartesiano. Ao inventar a cidade, Lucio Costa tinha outros planos para a área central, pensava em *Champs Elysées*, em Paris, com seus cafés... mas quando visitou a Rodoviária, criação sua, nos anos 80, ficou feliz. Viu a população se

apropriando daquele espaço, onde os eixos se cruzam e as pessoas se esbarram. Ali você encontra a melhor banca de jornal da cidade, papelarias, lanchonetes, restaurantes populares, livrarias e o famoso “pastel da Viçosa”, nosso prático e barato prato típico. O brasiliense motorizado também passa por lá, mas por motivos burocráticos: ali funciona o serviço de emissão de documentos *Na Hora*, que é na hora mesmo...quando o sistema não está fora do ar. Até 1970, quando foi inaugurada a represa de Assuã, no rio Nilo, a Rodoviária era considerada a maior estrutura de cimento já construída no mundo. E a terra que dali saiu, para a construção do chamado Buraco do Tatu, serviu para elevar a Esplanada dos Ministérios, pois observe que ela está como que sobre um platô. Passando pela Rodoviária, pare e desça. Afinal, de automóvel ou de ônibus, somos todos passageiros.

BRASÍLIA-Z: cidade-palavra.  
Nicolas Behr, 2013



chegando  
do nada

partindo  
pro infinito

a rodô é portal

um dia a gente volta  
pra te buscar

espera aqui na rodoviária

do caminhão do circo  
fizeram aquele sinal

## PLANOS PILOTIS

duas asas partidas  
duas pistas falsas

dois traços invisíveis

minha plataforma política  
é a plataforma da rodoviária

entrar num ônibus qualquer  
no ponto final  
voltar

passar  
comigo mesmo

mãos dadas com o banco



## BORBOLETA

Lucio Costa, o criador de Costápolis (outro nome que Brasília poderia ter), ficava irritado quando comparavam o desenho do Plano Piloto com um avião. Segundo ele, sua criação se parecia mais com uma borboleta. Estudante, em 1922, esteve em Diamantina, terra natal de JK, mas lá não o encontrou. O jovem futuro presidente, então com vinte anos, mesma idade de Costa, estava em Belo Horizonte, preparando-se para o vestibular de medicina. Lucio conheceu Le Corbusier em 1936 e tornou-se urbanista. Quatro anos depois criou os edifícios do Parque Guinle, no Rio de Janeiro, o primeiro conjunto de prédios construídos sobre pilotis no Brasil, deixando o térreo vazado, como faria nas superquadras de Brasília. O ano de 1954 seria um dos mais tristes da sua vida. Morreu a esposa, Julieta Guimarães, vítima de um acidente automobilístico,

num carro por ele dirigido, que derrapou e bateu em uma árvore. No filme *O risco*, sobre sua vida e obra, pode-se admirar Leleta, como ele a chamava, uma mulher radiante e luminosa. Lucio Costa alimentou, desde então, um sentimento de culpa pela tragédia. Nunca se perdoou. Tanto que não veio à inauguração de Brasília em consideração a Julieta, que, segundo Lucio Costa, adoraria estar aqui no dia 21 de abril de 1960. Dizem que por causa do acidente ele desenhou uma cidade quase sem cruzamentos, com tantas tesourinhas e vias sob o Eixão. Dizem. Em 1957 venceu o concurso do Plano Piloto de Brasília e sua apresentação, composta de 17 folhas datilografadas e desenhos ilustrativos, era tão simples que constrangeu o júri. Segundo cálculos que o próprio JK fez, Lucio Costa teria gasto 25 cruzeiros em serviços de datilografia, papel, lápis, tinta e borracha para preparar sua exposição, enquanto outros chegaram a desembolsar 400 mil cruzeiros, com maquetes sofisticadíssimas

e gráficos super elaborados. Gastou 25 e recebeu um milhão de cruzeiros por ter vencido o concurso. Brasília foi o grande acontecimento do urbanismo no século XX, e diante do sumiço do nome de Lucio Costa, em segundo plano pela notoriedade de Oscar Niemeyer, o urbanista passou a dizer sempre *Brasília, cidade que inventei*. Criou a maior estrutura vertical de Brasília, a Torre de TV. E a Estação Rodoviária, nossa maior construção horizontal. Em 1992, seis anos antes de falecer, inaugura-se na Praça dos Três Poderes o Espaço Lucio Costa, discreto, simples, como ele era. Respeitadíssimo, correto, humano. Dizer que Lucio Costa foi um gênio é pouco.

BRASÍLIA-Z: cidade-palavra.  
Nicolas Behr, 2013

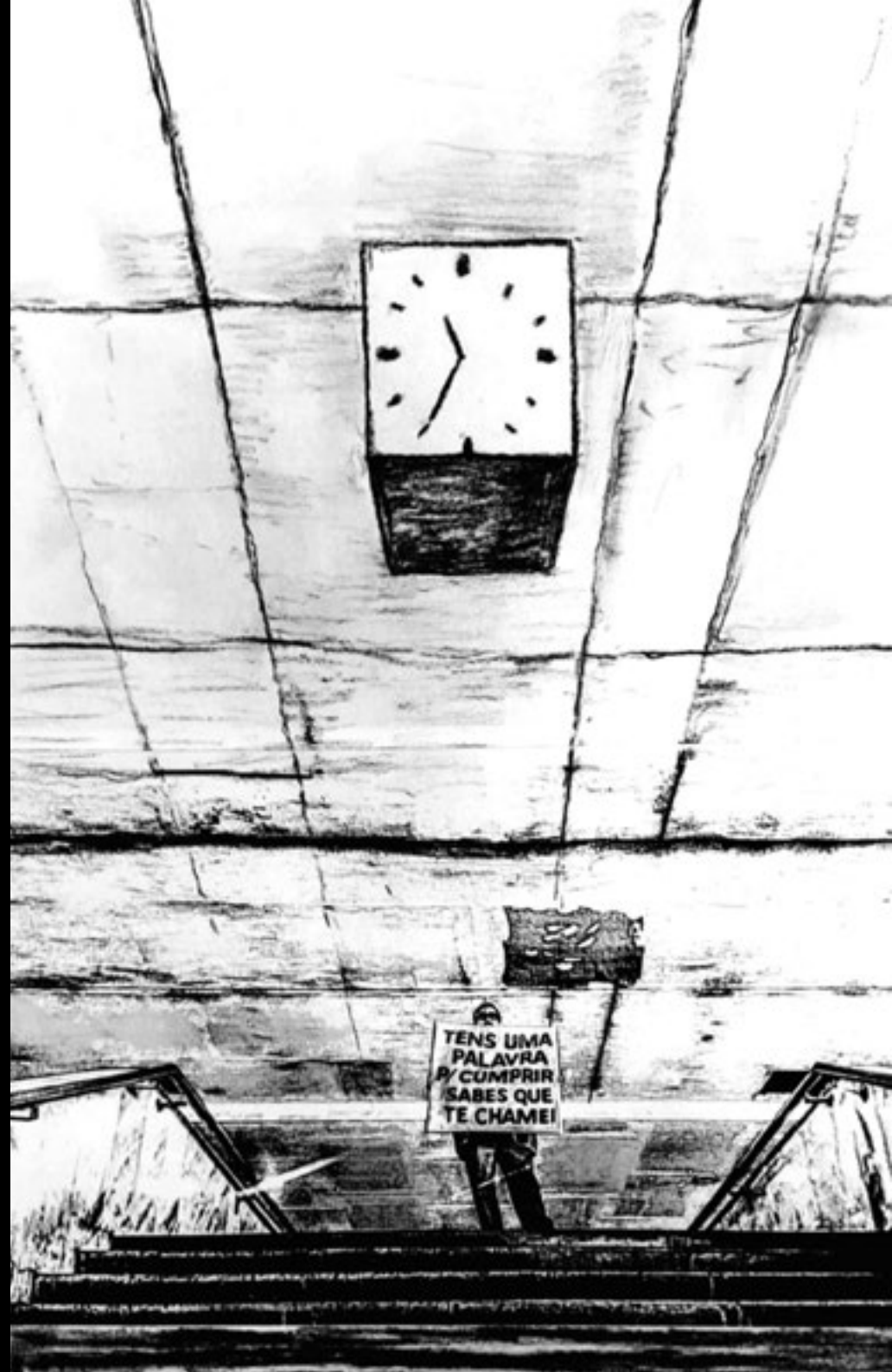


Lucio Costa (1902-1998).  
Foto: Arquivo Público do Distrito Federal

LUCIO COSTA, 1984

“Eu caí em cheio na realidade, e uma das realidades que me surpreenderam foi a rodoviária à noitinha. E sempre repeti que essa Plataforma Rodoviária era o traço de união da metrópole, da capital, com as cidades-satélites improvisadas da periferia. É um ponto forçado, em que toda essa população que mora fora entra em contato com a cidade. Então, eu senti esse movimento, essa vida intensa dos verdadeiros brasilienses, essa massa que vive fora e converge para a rodoviária. Ali é a casa deles, é o lugar onde eles se sentem à vontade. Eles protelam, até, a volta, e ficam bebericando. Eu fiquei surpreendido com a boa disposição daquelas caras saudáveis. E o “centro de compras” então, fica funcionando até meia noite... Isto tudo é muito diferente do que eu tinha imaginado para esse centro urbano, como uma coisa requintada, meio cosmopolita. Mas não é.

Quem tomou conta dele foram esses brasileiros verdadeiros que construíram a cidade e estão ali legitimamente. É o Brasil... E eu fiquei orgulhoso disso, fiquei satisfeito. É isto. Eles estão com a razão, eu é que estava errado. Eles tomaram conta daquilo que não foi concebido para eles. Foi uma bastilha. Então eu vi que Brasília tem raízes brasileiras, reais, não é uma flor de estufa como poderia ser. Brasília está funcionando e vai funcionar cada vez mais. Na verdade, o sonho foi menor do que a realidade. A realidade foi maior, mais bela. Eu fiquei satisfeito, me senti orgulhoso de ter contribuído.”



TENS UMA  
PALAVRA  
E CUMPRIR  
SABES QUE  
TE CHAMEI

olhares se esbarram

pernas desejam  
outras pernas

bicos de seios  
acendem faróis

os motores de todos  
os ônibus do mundo  
ligados ao mesmo tempo

queria (precisava)  
sentir alguma coisa

vim em busca  
de um abandono,  
uma certa carência

sentar nas escadarias  
e ver gente subir e descer,  
indo e vindo,  
chegando e partindo

e eu me deixando aqui



## RODOFERNÁLIA

Música: Renato Matos  
Letra: Nicolas Behr

Desço aos infernos escadas rolantes  
Rodoviária de Brasília  
Teu corpo boiando no óleo que ferve  
Um pedaço do seu coração  
O sangue de Cristo aqui não é vinho  
O corpo de Cristo aqui não é pão  
Subo aos céus escadas rolantes  
Rodoviária de Brasília  
O corpo de Cristo aqui não é pão  
Pastel de carne com lentilha  
O sangue de Cristo aqui não é vinho  
É caldo de cana se adoçam com isso

O padroeiro desta cidade será Dom Bosco  
Ou Padim Ciço  
Brasília passa por baixo do meu bloco todo dia  
Brasília já teve de mim o pedaço que queria  
Brasília já teve de mim o pedaço que queria  
Confiro nas axilas o pedaço que fedia  
Faltam blocos na minha quadra  
Faltam dentes na minha boca  
O meu bloco é redondo como um cubo  
E azul como uma laranja oca.

(disponível no Youtube)



## AZEITONAS

Em tempos idos (tempos por mim não vividos), os pastéis da Rodoviária tinham entre seus ingredientes inocentes azeitonas. Inocentes até que suas sementes, duríssimas, chegassem às escadas rolantes, emperrando, dentes contra dentes, as engrenagens. Ninguém sobe aos céus, ninguém desce aos infernos. Não pelas escadas rolantes da Rodoviária. Expulsas do paraíso dos pastéis e das empadas, as azeitonas protestam. Querem voltar às bocas das massas, fazer parte do recheio que alimenta as classes populares.

BRASÍLIA-Z: cidade-palavra.  
Nicolas Behr, 2013

## A RODÔ É UM FORMIGUEIRO

pisam em mim



fernando pessoa  
pergunta em linha reta

*onde é que há gente em Brasília?*

na rodô

MINHA MALA,  
MEU DESTINO

vazia como eu



## ENIGMA RODÔ

inútil trambolho  
monumento ao nada

atrapalhando o fluxo dos carros  
entre a asa norte e a asa sul

construída no tempo  
em que cimento era barato

implodi-la?

caldo de cana insosso  
pastel sem graça  
suco amargo  
sanduíche de plástico

espera inútil

pegar sempre  
a fila errada

quero ir pro gama  
desço em outro planeta





a rodoviária de Brasília  
foi construída  
para ser o túmulo de JK

enterraram aqui  
nossas ilusões

o ônibus  
com destino a uma Brasília  
mais humana  
já chegou?

nem saiu

## A RODÔ É OUTRO NÍVEL

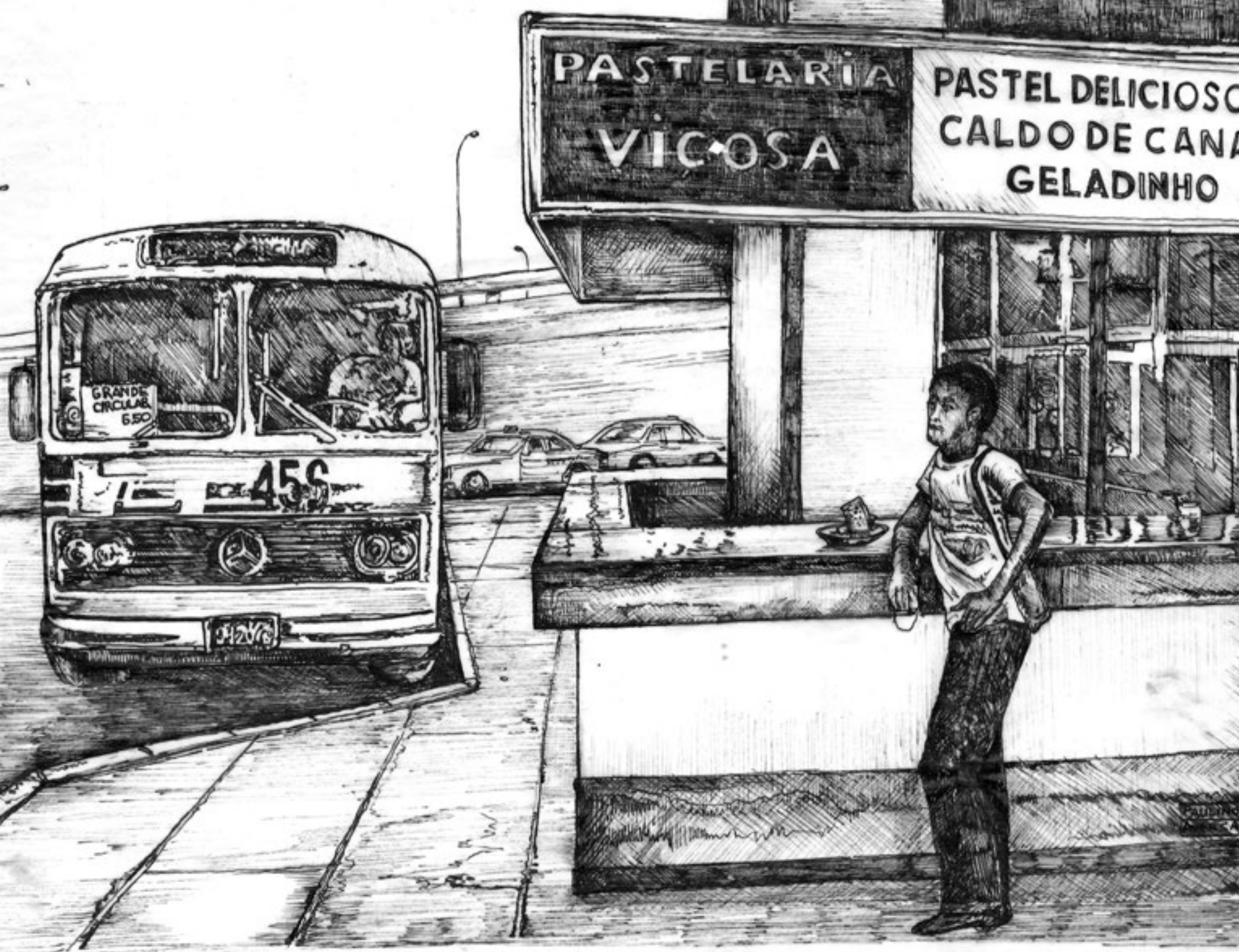
passageiros da agonia  
peregrinos do estranho

ficantes passantes  
entre traficantes

desocupados apressados  
perdidos encontrados

onde o flâneur  
virou flanelinha

onde a cruz  
cruza a encruzilhada



PASTELARIA  
VICOSA

PASTEL DELICIOSO  
CALDO DE CANA  
GELADINHO

GRANDE  
CIRCULAR  
6.50

459

342V6

## A RODÔ SEM NÓS

Imagine que, num piscar de olhos, a espécie humana desaparecesse do planeta. O que aconteceria com a Rodô? Os ônibus e outros veículos estacionados aos poucos se deteriorariam, comidos pela inexorável ferrugem. Sementes, principalmente de capins, trazidas pelo vento, logo fariam crescer gramíneas por toda parte. Aves fariam ninhos, trazendo gravetos e matéria orgânica para dentro dos veículos abandonados e de qualquer cavidade onde pudessem construir abrigos. Assim, pequenos arbustos poderiam ali se desenvolver, atraindo ainda mais os animais silvestres. Restos de alimentos abandonados nas lanchonetes seriam certamente aproveitados. As frestas no chão colonizadas por alguns tipos de arbustos e, com o tempo, árvores de maior porte ali se desenvolveriam, rompendo o cimento e o asfalto. As lojas abandonadas

também seriam ocupadas por plantas invasoras e pequenos animais. As janelas de vidro se quebrariam e as estruturas metálicas, lentamente, cairiam umas sobre as outras, criando condições para o aparecimento de abrigos para pequenos animais, como ratos, cobras e lagartixas. Animais do cerrado começariam a transitar livremente pelo local – emas, lobos guarás, tamanduás, veados, seriemas, iguanas, capivaras e muitos outros, trazendo nas fezes sementes. Seria o início de uma pequena floresta no local. O Buraco do Tatu cheio de lama. Como a estrutura de concreto é imensa e muito forte, a plataforma ainda resistiria por milhares e milhares de anos. Quando começarem as escavações de Brasília, no ano 2.452, vão limpar a área, tirando árvores e cortando raízes para que se veja o que foi, um dia, a Estação Rodoviária, a nossa Rodô, a maior estrutura de concreto construída pelo homem na segunda metade do século XX. Que belas ruínas!



se o eixão  
fosse um rio  
a rodô seria  
navio encalhado?  
ponte sobre si mesma?  
porto seco?

lago paranoá,  
o mar

para provar  
que nunca  
saímos do lugar

enquanto como um pastel  
brasília é bombardeada

a rodô destruída

um soldado candango  
passa e pergunta  
ao próprio fantasma

pra que lado fica a asa norte?



ATENÇÃO!!! ATENÇÃO!!!

donas de casa, office boys, vigilantes,  
garçons, atendentes, loucos, engraxates,  
artistas, secretárias, traficantes,  
empresários, vigilantes, músicos,  
enfermeiros, professoras, recepcionistas,  
despachantes, advogados, detetives,  
bombeiros, cozinheiras, diplomatas,  
mecânicos, cobradores, jornalistas,  
dançarinas, vaqueiros, alfaiates, auxiliares  
de limpeza, fotógrafos, agricultores,  
estudantes, cabeleireiras, mendigos,  
balconistas, motoristas, policiais,  
videntes, mecânicos, ambulantes,  
manicures, contadores, prostitutas,  
gerentes, funcionários públicos, bancários,  
executivos, taxistas, garçonetes

hoje o pastel e o caldo de cana  
são por conta do poema

mas como o poema vai pagar  
se não tem valor?

tira a rodô  
cidade trava  
tira o poder  
cidade agradece  
tira o lago  
cidade seca  
tira o ipê  
cidade incolor  
tira o céu  
cidade desaba  
tira a grama  
cidade cimentada

tira a rodô  
tira a poesia

BANKERS  
TRUST  
CO.

WEDGE

CIA





vou passar a noite aqui,  
entre a rodô e o conic,  
esperando a barbárie

querem roubar  
meu coração  
mas isso  
já não tenho

nenhuma gota  
de suor ou sangue

a rodô brotou  
espontânea do chão,  
planta retilínea

bruta, branca, robusta,  
forte, imensa e pesada

germinou já pronta  
na cabeça do urbanista



do encontro de dois rios  
nasceu diamantino\*

do cruzamento  
de dois eixos  
surgiu Brasília

eixo ribeirão do ouro sul  
eixo rio diamantino norte

rodoviária submersa  
lambaris passageiros

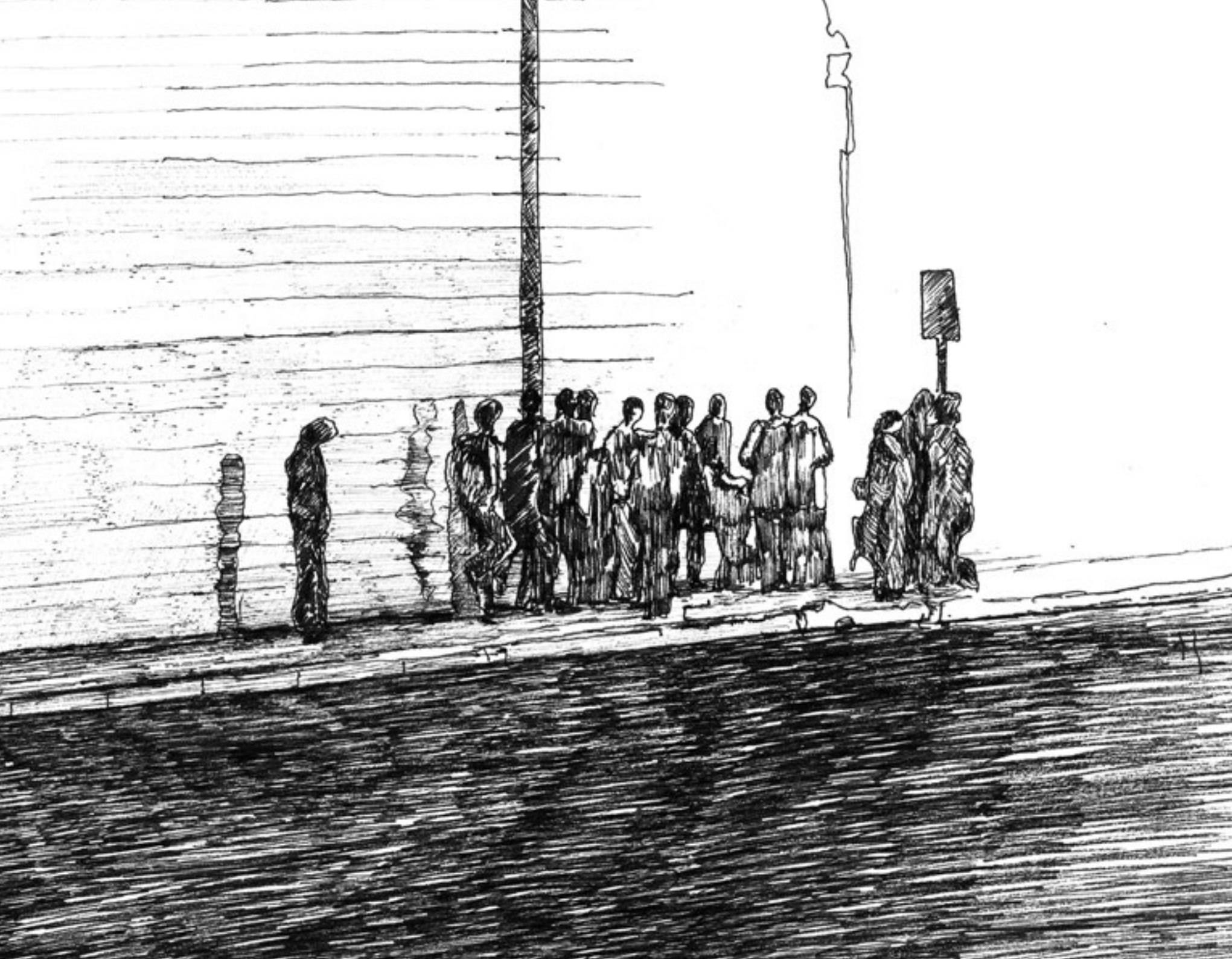
iscas de pastéis  
rios de caldo de cana

vocês que embarcam  
com destino ao nada  
deixem aqui  
toda esperança

aqui não  
ali  
naquele canto

e reservem um assento  
para o dante,  
aquele poeta comédia

\* Cidade de Mato Grosso, ao norte de Cuiabá,  
onde o poeta passou a infância



boemas são letras em fila esperando embarcar na sua imaginação não empurra

## DELÍRIO DE UM CANDANGO

topamos com uma grande pedra,  
um cristal enorme, depois da vala

fizemos de um tudo para mudar  
a rodoviária de lugar porque embaixo  
desse cristal tem ouro e debaixo  
desse ouro tem diamante

cercaram tudo com arame farpado,  
chegou polícia

mais de cem  
caminhões de concreto



## VÉU INVISÍVEL, TÚNICA DE PRATA

a noite joga seu manto de estrelas  
(como uma tarrafa)  
sobre a cidade

cubra a alma de Brasília  
e a proteja

aqueça meus irmãozinhos  
que dormem na rodô

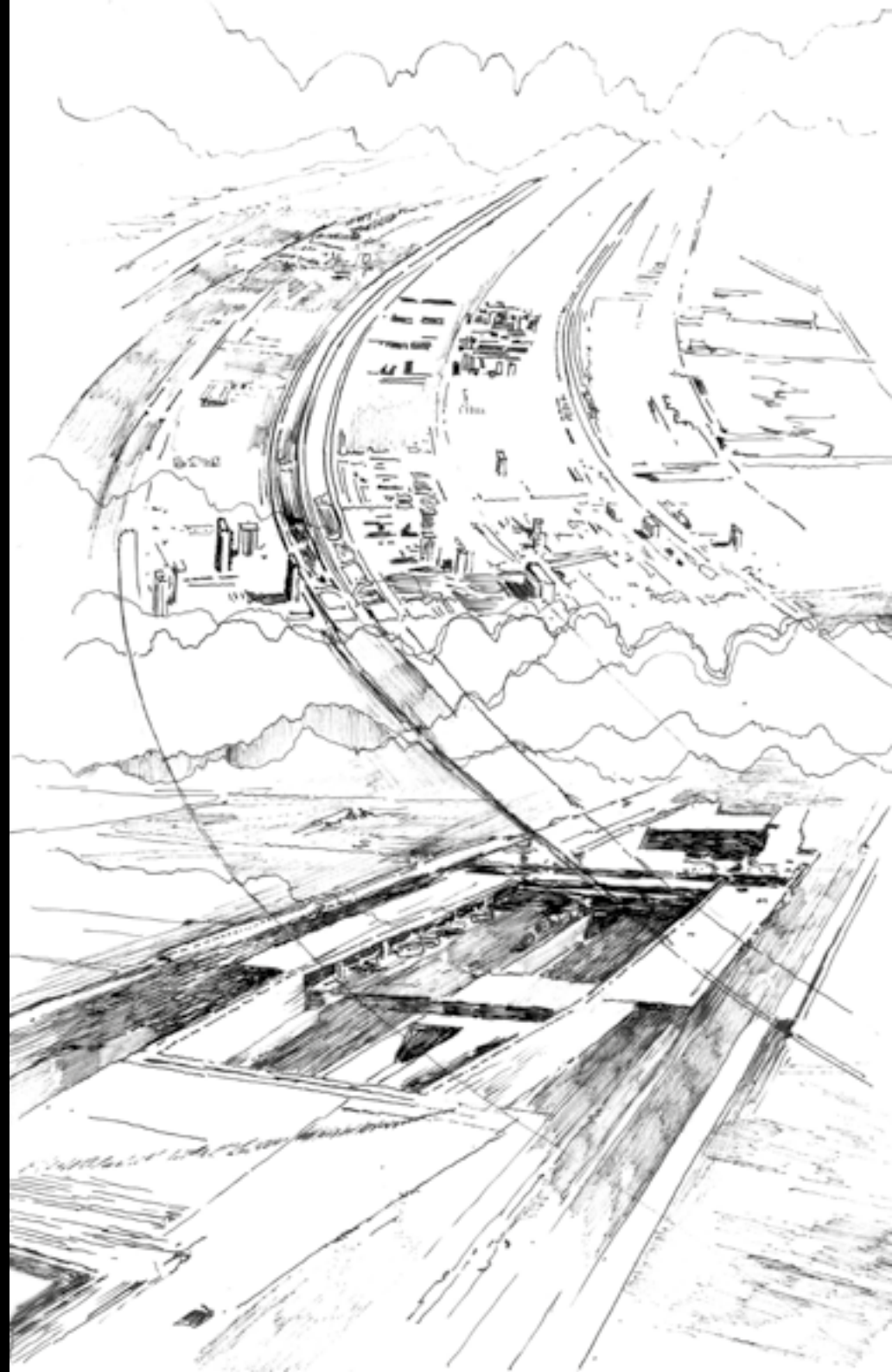
desço aos infernos  
pelas escadas rolantes  
da rodoviária de Brasília

meu corpo boiando  
no óleo que ferve  
um pedaço do seu coração  
num pastel de carne

## PLANETA RODÔ

ônibus espacial  
viagem interestelar  
cidade-satélite

passageiros  
fora de órbita





quando deixo o meu amor impossível  
na rodoviária, de noitinha, meus olhos  
compridos seguem-na até perdê-la  
no turbilhão das gentes

imagino meu amor impossível na fila do  
ônibus, altiva, altaneira, orgulhosa de si  
e de mais um dia de trabalho

os olhares em direção ao meu amor impossível  
são muitos — olhares de cobiça, como os meus  
(o olhar dos famintos)

alguém oferece ao meu amor impossível  
um pastel, um caldo de cana  
ou um chocolate  
hoje não, outro dia (meu amor impossível  
é educadíssima)

meu amor impossível entra no ônibus,  
passa pela catraca — o cobrador finge  
que separa o troco mas olha os seios  
do meu amor impossível,  
de soslaio, exatamente como eu faço

meu amor impossível senta no banco, abre  
um livro enquanto o ônibus não sai (alguém  
senta ao seu lado, indiferente, sem sequer  
sonhar que ali está o meu amor impossível)

distraída, olha desinteressadamente  
a paisagem noturna de sempre, monótona

quantas paradas até chegar em casa?  
meu amor impossível conta e diz:  
são vinte e oito (ela é sempre muito precisa)

meu amor impossível chega ao ponto, desce  
e caminha mais um pouco até a sua casa

invariavelmente encontra um conhecido  
pelo caminho, cumprimenta,  
um papo rápido, um alô

quando meu amor impossível entra no seu  
quarto qual surpresa?

este poema a lhe dar as boas-vindas



## FIM DA LINHA

estar todos os dias  
na rodô  
como se fosse  
a primeira vez

---

## **RODÔ – poesia passageira, poemas sem destino**

© Nicolas Behr & Paulino Aversa, 2024

### **Contato com os autores**

Nicolas Behr            paubrasilia@paubrasilia.com.br  
                                 @nicolasbehr  
                                 www.nicolasbehr.com.br  
                                 cx. postal 9648 – cep 70040-976  
                                 brasília-df

Paulino Aversa        ideagraficacontato@gmail.com  
                                 @paulinoaversaoficial

---

**Design** Gabriel Menezes (gabrielmenezes.com.br)

**Tratamento de imagem** Gráfica Idea

**Fonte** Archivo (OmnibusType)

**Papel** Pólen Soft 80g/m<sup>2</sup>

### **Agradecimentos especiais**

Ana Miranda, Andréa Couto, Antonio Aversa,  
Deputado Distrital Fábio Félix, Eduardo Pierrotti Rossetti,  
Francisco Alvim, Noélia Ribeiro, Rafael Reis e Samanta Sallum

---

#### Catálogo na Publicação (CIP)

Behr, Nicolas  
B421r        Rodô : poesia passageira, poemas sem destino / Nicolas  
                 Behr ; ilustrações de Paulino Aversa. – Brasília : Edição do autor,  
                 2022.

80p. ; 13cm x 21cm.

ISBN 978-65-00-65613-8

1. Literatura Brasileira. 2. Poesia Brasileira. 3. Brasília -  
Terminal Rodoviário. I.Título. II. Aversa, Paulino.

CDD: B869.1

---

Bibliotecária: Pâmela Bastos Machado CRB6/3070